

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"DE MACACOS A BABUÍÑOS: UMA ANÁLISE DA FONTE POR TRÁS DE DIODORO"

**III SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-
HELENÍSTICOS - PEJ -, 26-28 DE NOVEMBRO 2008**

Míriam Reis Jorge Bergo

História / 8o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract



"De macacos a babuínos: uma análise da fonte por trás de Diodoro"

Além de Plutarco e Arriano, três historiadores chegaram até nós como fontes completas para o estudo de Alexandre, o Grande, Diodoro Siculus, Quintus Curtius e Justino, que tradicionalmente foram agrupados como pertencentes a uma tradição comum, a *Vulgata*.

O mais antigo dos cinco, Diodoro, não é anterior ao séc.I, quase 300 anos após a morte de Alexandre. Certamente estes historiadores se basearam em fontes mais antigas, de contemporâneos de Alexandre, das quais nos restam apenas alguns fragmentos.

Se por um lado Arriano deixa claro quais fontes ele utilizou - embora não se exclua a possibilidade de ele ter usado outras fontes, sem citá-las -, nos demais historiadores a questão não fica clara. É, então, de fundamental importância para o estudioso mapear quais fontes foram utilizadas por cada um dos autores antigos, analisando a influência que cada fonte teve sobre os outros historiadores e em sua compreensão da figura de Alexandre, o Grande.

Além disso, o estudo pode ajudar a compreender melhor essas fontes, às quais estes autores tiveram acesso integral mas que não foram conservadas até os dias de hoje.

O presente estudo se aterá aos autores da *Vulgata*, detendo-se de forma particular em Diodoro. Jacoby¹ - que editou a coleção de fragmentos dos historiadores gregos -, respaldado por Müller² - pioneiro no estudo dos fragmentos -, não só sustentou a tese da tradição *Vulgata*, como também

¹ Felix Jacoby. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FrGH)*. II D. Leiden: Brill, 1923...

² Karl Müller. *Scriptores Rerum Alexandri Magni*. Paris: A. Firmin-Didot, 1846.



sugeriu que os três autores derivariam de Clitarco, autor conhecido na Antigüidade pela sua oratória e seu costume de inventar e exagerar os fatos³.

Tarn⁴, em 1948, rompeu com essa tese e questionou a derivação de Clitarco e a própria existência da tradição *Vulgata*, que congregaria três autores, segundo ele completamente distintos - numa mesma tradição. A partir de então, inúmeros estudos surgiram propondo soluções alternativas para o mapeamento do uso de autores contemporâneos a Alexandre por outros, mais tardios.

Este mapeamento se dá através da análise crítica do conteúdo dos fragmentos. E uma passagem particularmente interessante lança nova luz sobre a questão e será o objeto de análise desta comunicação.

Trata-se da descrição da fauna e da flora na expedição feita à Índia, no projeto da construção de um navio próximo ao rio Hysdaspes. Em Estrabão⁵, encontra-se a seguinte descrição:

Na floresta acima mencionada diz-se que há um vasto número de macacos, tão grandes quanto numerosos. Em uma ocasião os macedônios, tendo visto vários deles de pé, como numa linha de frente de batalha, numa colina nua (pois este animal não é menos inteligente que o elefante), tiveram a impressão de que fossem um exército e prepararam-se para atacá-los como inimigos reais, mas tendo sido informados por Taxiles, que então estava com o rei, da realidade, desistiram.

A captura do animal efetua-se de duas formas. É um animal imitador e costuma refugiar-se em cima das árvores. E os caçadores, quando vêem um macaco sentado na árvore, preparam à vista dele uma bacia contendo água, e esfregam os próprios olhos com ela; e então colocam uma bacia com visco, no lugar da água, e indo embora ficam esperando à distância. O animal pula para

³ FGrH 137T6 e 137T7.

⁴ William W. Tarn. *Alexander the Great vol. II: Studies and Sources*. Cambridge: Cambridge University Press, 1948.

⁵ Estrabão. *Geografia*. 15.1.29.



baixo e besunta-se com o visco, e quando piscam, as pálpebras ficam grudadas; os caçadores vêm, então, e os capturam.

O outro método de capturá-los é o seguinte: os caçadores vestem-se em sacos, e vão embora, deixando para trás outros que são aveludados, com o interior untado com visco. Os macacos colocam estes sacos e são facilmente capturados.

A passagem encontra paralelo num fragmento de Clitarco⁶:

Eles não são capturados com redes ou pela verdadeira caça, com cães perseguindo um cheiro. O animal está pronto para dançar, se vir alguém dançando, e pronto a tocar flauta, se puder aprender a soprar. Além disso, se tiver a oportunidade de ver alguém calçando sapatos nos pés, ele imitará o ato de calçar os sapatos; ou se vir alguém unguindo os olhos com mel, ele quer fazê-lo também. Então, por causa destas razões descritas eles colocam pesados sapatos de chumbo ocos, colocando armadilhas de laços dentro deles, para que eles [os macacos] coloquem os pés dentro e sejam fácil e rapidamente capturados; e como isca para seus olhos visco é deixado no lugar do mel.

Além da nítida semelhança entre as duas descrições, as passagens cometem o mesmo equívoco. Ao descreverem os babuínos - que pareciam homens em formação militar -, os dois autores lhes atribuem características típicas de macacos - que vivem em árvores, e são imitadores de atitudes humanas. Esta confusão de babuínos com macacos mostra que Estrabão e Clitarco dependem de outra fonte comum, pois, segundo Tarn⁷, dois autores independentes não cometeriam o mesmo erro.

A descrição do procedimento de captura dos macacos em Estrabão é perfeitamente inteligível, enquanto em Clitarco alguns elementos foram substituídos e tornaram a narrativa

⁶ FG rH 137F18 e 137F19 (= Aeliano, N.A. 17.25).

⁷ Tarn, op.cit. pp.30-31.



incoerente. Por exemplo, a troca da água pelo mel, com o qual Clitarco explica que os caçadores esfregavam os olhos, os deixaria cegos e incapazes de efetuar a captura. Da mesma forma, os sacos com visco, perfeitamente inteligíveis, são substituídos por pesados sapatos de chumbo com armadilhas, instrumentos caros e pouco práticos para se pensar no porte e uso comuns de um deles por parte de um caçador indiano.

Para Tarn, o fato de a versão de Estrabão ser inteligível, e a de Clitarco não, evidencia a dependência de ambas de uma fonte comum, de forma que a versão de Clitarco é posterior e deriva da versão de Estrabão, da qual é uma versão "piorada". Clitarco teria tentado incrementar a descrição de Estrabão.

A mesma passagem encontra paralelo em Diodoro⁸:

O animal mesmo revela os meios de capturá-lo; ele é propenso a imitar qualquer ação, mas não pode ser facilmente subjugado pela força, por causa da sua força corporal e agilidade; então os caçadores ungem os próprios olhos com mel ou ainda calçam sapatos à vista dos animais, enquanto outros colocam espelhos ao redor do pescoço; então eles deixam os sapatos com armadilhas colocadas atrás, substituem o mel por visco, e encaixam dispositivos de captura nos espelhos; e então, quando os animais tomam a fantasia de imitar as ações que viram, ele se vê sem forças, já que seus olhos estão emperrados, os pés atados e todo o corpo detido; e então eles são uma presa fácil para os caçadores.

Hammond⁹ argumenta que, por tratar-se de uma peculiaridade que interrompe a narrativa e remete a Clitarco, a passagem evidencia que Diodoro estava usando Clitarco, ou uma fonte em comum.

⁸ Diodoro. *Bibliotheca historica*. 17.90.2-3.

⁹ Nicholas Geoffrey Lempríere Hammond. *Three Historians of Alexander the Great*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.



Tarn sustenta a mesma proposição, aplicando o mesmo raciocínio semelhante do caso de Estrabão e Clitarco. Não só Diodoro e Clitarco cometem os mesmos equívocos, como substituir a água pelo mel - deixando a narrativa incoerente -, como também a versão de Diodoro parece estar ainda mais distorcida. Elementos como espelhos que deixam os macacos ofuscados, somados a armadilhas de laço, são introduzidos, sem fazerem qualquer referência à característica imitadora dos macacos, na qual toda a teoria de captura dos macacos está baseada. Ao invés disso, os macacos parecem ser capturados por um estranho magnetismo, resultado dos espelhos e dos laços.

Pearson¹⁰ faz uma colocação bastante pertinente sobre a questão da inteligibilidade do texto ser prova de sua anterioridade, argumentando que, ao apropriar-se de um texto inteligível, um autor não teria razão para torná-lo sem sentido.

A solução apresentada por Pearson à questão é que Clitarco, especialmente conhecido por inventar e aumentar os fatos, ao invés de simplesmente descrever o truque dos caçadores indianos - com faz Estrabão -, quis fazer uma espécie de "paródia" com a sabedoria indiana, introduzindo um caçador indiano proferindo um comando em grego mal formulado, transformando-o em discurso cômico¹¹.

Se for este o caso, Pearson conclui que não seria surpresa Diodoro ter interpretado literalmente a passagem em Clitarco¹², deixando o texto confuso e distorcido.

Já em Aeliano, onde se encontra o fragmento de Clitarco, não é possível chegar-se a qualquer conclusão,

¹⁰ Lionel Pearson. *The lost histories of Alexander the Great*. New York: The American Philological Association, 1960.

¹¹ Onesicrito faz algo semelhante em FGrH 184F17.

¹² Como ele falhou em entender a paródia da mitografia em Dionysius Scytobrachion, Cf. Lionel Pearson, *Early Ionian Historians*. Oxford: Clarendon Press, 1939. Pp.110-113.



pois o texto está demasiado corrompido. Mas, segundo Pearson, ele possui elementos suficientes para mostrar que a história é tão curiosa quanto em Diodoro¹³.

Desta forma, conclui-se que a versão de Diodoro depende de Clitarco que, por sua vez, depende, junto com Estrabão, de uma outra fonte. Resta-nos saber que fonte é essa.

Como a versão de Estrabão é mais inteligível, Pearson argumenta que a origem provável da passagem pode estar em Onesicrito, Aristóbulo ou Nearco, as três fontes para história natural indiana dentre os escritores contemporâneos a Alexandre, o Grande¹⁴.

Tarn argumenta que o único autor possível é Aristóbulo. Ele teria sido a fonte principal de Estrabão, do qual deriva Clitarco, e era, também, o único escritor de Alexandre presente na expedição que se interessava por escrever história natural. Para Brown¹⁵, Aristóbulo como a principal fonte de Estrabão não passa de uma suposição entre outras.

De qualquer forma, pela confusão entre macacos e babuínos, a relação entre Aristóbulo e o fragmento de Clitarco é clara. No entanto, Brown argumenta que a derivação é igualmente válida tanto para Clitarco dependendo de Aristóbulo quanto para Aristóbulo dependendo de Clitarco. E há, ainda, a possibilidade que não pode ser descartada de ambos, Clitarco e Aristóbulo, dependerem de uma terceira fonte, Onesicrito.

Onesicrito também escreveu em detalhes sobre a Índia, e encantava-se com as plantas e animais exóticos que encontrava lá. Sabemos que ele visitou a área próxima a Taxila, onde presumivelmente o exército macedônio viu os

¹³ Lionel Pearson, *The Lost Histories of Alexander the Great*. New York: The American Philological Association, 1960. P.223.

¹⁴ Idem, p.225.

¹⁵ Truesdell S. Brown. *Clitharchus*. 1950.



babuínos e os confundiu com um exército humano. Além disso, em Onesicrito há algumas passagens que se assemelham com o trecho em questão, como a descrição do hipopótamo indiano¹⁶ e o rumor por ele iniciado a respeito do elefante indiano ser maior e mais forte que o africano¹⁷, de forma que ele poderia perfeitamente ser o responsável por mais uma confusão, agora entre macacos e babuínos.

Pela datação, o uso de Onesicrito também seria plausível. Brown sugere que os escritos de Aristóbulo datam de 280 a.C., enquanto até 280 a.C. Onesicrito já havia escrito pelo menos quatro livros – já que morreu em 281 a.C. em batalha, e, pelas citações às suas obras, sabemos que escreveu pelo menos quatro livros.

Tarn sugere que, pela narrativa, o único autor além de Aristóbulo ao qual se poderia atribuir a dependência da passagem é Onesicrito. No entanto, Tarn argumenta que a forma como Onesicrito é citado por Estrabão é apenas em digressão, normalmente como **Onesikritoj** *dé*, ou seja, “mas Onesicrito [...]”, em oposição ao que ele, Estrabão, está dizendo¹⁸.

Hammond concorda com a suposição de Clitarco ter usado Onesicrito¹⁹, e Pearson, embora não descarte as outras possibilidades sugere que, segundo a narrativa, é provável, já que Estrabão cita Onesicrito nos capítulos anteriores²⁰.

Brown sugere, ainda, que Clitarco teria usado Nearco, pelo menos em algumas passagens. Os espelhos que aparecem em Clitarco, embora pouco práticos, conservam a função de “imitar” dos macacos. Já em Diodoro, o caráter imitador perde sentido, pois os macacos são pegos por uma espécie de

¹⁶ FGrH 134F17 (= Estrabão 15.1.13).

¹⁷ FGrH 134F14 (= Estrabão 15.1.43).

¹⁸ Tarn, *op.cit.*

¹⁹ Hammond, *op.cit.* p.62-63.

²⁰ Lionel Pearson, *The Lost histories of Alexander the Great*. The American Philological Association, 1960. p.225.



armadilha de laços presa nos espelhos. Isso significa que a passagem deriva de uma fonte onde a imitação não é compreendida. Nearco, além de ser um dos historiadores interessados pela natureza, demonstra em outros fragmentos²¹ seu interesse pelos macacos e seu espírito prático, não se interessa pela psicologia dos macacos, como faz Onesicrito. Este argumento sustenta a tese de que Clitarco teria lido tanto Onesicrito quanto Nearco.

Conclui-se, dessa forma, que não é possível determinar com certeza a fonte original da qual deriva Diodoro, mas que certamente é possível limitar suas possibilidades.

Este estudo permite compreender que, embora Diodoro derive de Clitarco, há uma outra fonte da qual Clitarco depende. Dessa forma, compreende-se que o escritor antigo outrora considerado principal, por ser a fonte da até então chamada *Vulgata*, é apenas um apanhado de outras fontes.

Da mesma forma, as possíveis fontes das quais Clitarco depende limitam-se a três, pelos argumentos acima apresentados: Aristóbulo, Onesicrito ou Nearco - considerando, ainda, que Clitarco possa depender de mais de um deles em determinadas passagens.

E, por fim, a análise lança nova luz sobre a importância desses três autores antigos que, sendo as fontes de Clitarco são, também, fontes para Diodoro, Quintus Curtius e Justino.

²¹ FGrH 133F9, 133F11 e 133F22.